

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

RENATA DE OLIVEIRA SARTORI

VIRADA CULTURAL DE SÃO PAULO
ANÁLISE DOS ASPECTOS CULTURAIS DO EVENTO

NITERÓI
2011

RENATA DE OLIVEIRA SARTORI

VIRADA CULTURAL DE SÃO PAULO
ANÁLISE DOS ASPECTOS CULTURAIS DO EVENTO

Trabalho Final de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito para conclusão de curso
para obtenção do Grau de Bacharel

Orientador: Prof. WALLACE DE DEUS

NITERÓI
2011

RESUMO

O trabalho faz uma análise da Virada Cultural Paulistana, observando os benefícios que o evento traz e buscando perceber questões que podem ser reestruturadas. Para isso, perpasso por questões como política cultural, política de eventos, preservação do patrimônio, turismo cultural e democratização da cultura.

Atualmente o termo evento está relacionado a festas e promoção de marcas e pessoas. Porém, devemos perceber que junto a esta ação, diversos benefícios podem surgir para a sociedade. Para isso as bases do evento devem ser pensadas de forma a colaborar primordialmente com a cultura e não apenas com os nomes de empresas e autoridades que carrega.

A produção da Virada Cultural é uma ideia da prefeitura de São Paulo, baseada em outros eventos internacionais, onde o objetivo maior é a propagação da cultura. Neste trabalho poderemos observar quais são os aspectos positivos e negativos deste evento.

ABSTRACT

This essay makes an analyses of the “Virada Cultural Paulista”, acknowledging the benefits it brings and pointing out what can be improved and restructured. Been so the essay permeates cultural politics, events politics, heritage preservation, cultural tourism and the democratization of culture.

The term event is related to parties, brand promotions and people. However we seek to realize that with this action, many benefits can be brought to society, therefore the foundations of the event has to be thought over, having as priority the culture and not just with the names of the industry and authorities.

The production of the “Virada Cultural” is an Idea of São Paulo ‘s’ City hall, based on other international events, the main focus of those events are the spread of the culture. The enfases of this essay is to show the positives and negatives aspects of this specified event, as part of a cultural policy.

Sumário

Introdução	6
2. A virada cultural	9
2.1 A Nuit Blanche – origens	9
2.2 A Virada Cultural da cidade de São Paulo.	10
3. Política cultural, política de eventos	14
3.1 Política cultural de São Paulo: breve histórico	16
3.2 Políticas culturais de São Paulo atuais	18
3.3 Virada Cultural - o evento como parte de uma política cultural	20
4. Democratização da cultura	21
4.1 A Virada Cultural promove a democratização da cultura?	23
5. Patrimônio e identidade cultural: preservação.	27
5.1 O Patrimônio de São Paulo: o Centro histórico	28
5.1.1 Projetos de revitalização: Viva o centro e PROCENTRO	29
5.3 A importância da Virada Cultural para a preservação do Centro Paulistano	30
6. Turismo Cultural	34
6.1 Turismo em São Paulo	35
6.2 A Virada Cultural incentivando o turismo	36
7. Conclusão	39

Introdução

A valorização do tempo livre é assunto cada vez mais em pauta em nações como Estados Unidos, França e Inglaterra. Com mais horas vagas as pessoas dedicam-se a atividades de lazer e dessa forma a cultura vem assumindo nos países desenvolvidos um papel de extrema importância. Nestes lugares a correlação entre investimento em cultura e desenvolvimento econômico vem sendo confirmada e reconhecida desde os anos 90. Segundo John Urry em *O Olhar do Turista*

Trata-se de uma indústria que sempre precisou de consideráveis níveis de envolvimento e investimento públicos e, em anos recentes, isso aumentou, na medida em que todos os tipos de lugares tentam estruturar ou reforçar sua posição enquanto objetos preferidos do olhar do turista. A economia do turismo não pode ser compreendida separadamente da análise do desenvolvimento cultural e político do setor (URRY, 2001, p. 64)

São atividades cada vez mais auto-sustentáveis, que asseguram a atração de turistas e visitantes, injetando renda e criando empregos na economia local. Contribui também para aumentar o grau de coesão e a harmonia entre os agentes econômicos locais, na medida em que contribui para a redução da exclusão social.

Entretenimento e cultura desencadeiam um círculo virtuoso de melhorias. Beneficiam-se a cidade, os moradores e frequentadores da região, os comerciantes e prestadores de serviço local. A economia se movimenta de forma sustentável e cresce a arrecadação de impostos.

Segundo a Unesco, no documento “Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável”, esse quadro fez com que as Nações Unidas adotassem, em seus Relatórios sobre o Desenvolvimento Humano, que o acesso pleno à cultura é um importante indicador para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento de uma sociedade.

No Brasil algumas ações de incentivo a cultura vem ganhando força nos últimos anos, não só pela criação de Leis de Incentivo Fiscal mas também por iniciativas de fomento ao setor. São Paulo, a maior metrópole do país, indo em direção a esta tendência está buscando construir a imagem de capital da cultura.

A cidade que no final do século XIX se tornou importante centro econômico do país, recebeu durante anos imigrantes dos quatro cantos do mundo e mais tarde

milhares de migrantes vindos de todas as regiões do país. Formou-se em um mesmo território bairros japoneses, judeus, italianos e alemães, convivendo em harmonia consolidando a cidade como a terra de todas as tribos. Dessa forma a identidade da cidade foi influenciada por diversas outras identidades tornando-se uma identidade múltipla.

Portanto a cidade mais populosa do país é também uma das mais diversificadas culturalmente do mundo. Por isso, São Paulo, recebe diariamente as mais diversas expressões artísticas, sendo um dos principais destinos dos grandes shows internacionais e grandes exposições, além de ser palco de inúmeras apresentações culturais geradas na própria cidade.

Atualmente a cidade de São Paulo é considerada pólo cultural do Brasil, tendo se consolidado como local de origem de uma série de movimentos artísticos e estéticos ao longo da história do século XX. É onde está o maior mercado cultural do país, a maior metrópole da América do Sul possui uma ampla rede de teatros, casas de shows e espetáculos, galerias, cinemas, bares e grandes eventos culturais.

Um dos maiores eventos ofertados por São Paulo é a Virada Cultural um projeto que proporciona lazer à população, sendo um dos principais atores na retomada do Centro pela sociedade, estimulando o turismo e movimentando a economia. Segundo a prefeitura de São Paulo, estima-se que em 2011, os gastos de turistas durante o período da Virada tenham chegado a R\$158 milhões.

Esta ação colabora para a cultura da cidade, e conseqüentemente o seu desenvolvimento, e este é o ponto de partida deste trabalho. Esta pesquisa pretende de forma inédita analisar como a cultura colabora para o progresso de São Paulo, focando principalmente no evento da Virada Cultural, percebendo quais as oportunidades que esta produção traz para a cidade. Como será discutido mais a frente, uma realização de apenas 24 horas pode gerar resultados posteriores que irão colaborar com o enriquecimento da cultura, e devido a estes resultados surge a principal indagação deste trabalho: estes acréscimos que a Virada Cultural traz para São Paulo poderiam ser alcançados de uma outra maneira, ou o evento se torna ação fundamental dentro da política cultural da cidade?

O trabalho foi dividido em três partes, a primeira que apresenta o nosso objeto de estudo, comentando sobre a Virada Cultural e suas origens. Num segundo momento discutimos sobre o que é política cultural e a organização de eventos, abrangendo para uma breve análise da política cultural adotada pela cidade de São

Paulo. E a terceira parte se preocupa em analisar a Virada Cultural sobre alguns aspectos, buscando perceber se este evento pode ser incluído como parte de uma política pública ou se sua realização é apenas algo efêmero que não traz benefícios para a cidade.

2. A virada cultural

2.1 A Nuit Blanche – origens

A ideia da Virada Cultural surgiu baseada em eventos da Europa. Em todas as cidades onde se realiza, a “Noite Branca” é um evento público gratuito que convida à descoberta da cidade com a ajuda da cultura contemporânea. São três as principais noites brancas que inspiraram o evento paulistano.

São Petersburgo umas das cidades mais ao norte do mundo, em meados de maio a julho, tem os dias de verão muito longos, que são quebrados por um curto período de crepúsculo, esse fenômeno é conhecido como noites brancas, e foram as inspiradoras para a criação do festival de verão, que recebe uma programação de alta cultura junto com carnavais de rua e a celebração Scralet Sails, que comemora o fim do ano letivo e possui uma tradicional queima de fogos.

Outro festival que contribuiu para as “noites brancas” veio da Alemanha, lá acontece o “Longa Noite dos Museus” (Nacht der Langen Museen) que nasceu em Berlim e acontece nas maiores cidades do país uma ou duas vezes por ano. Neste evento, é oferecida aos turistas e moradores da cidade a oportunidade de explorar a oferta cultural dos diversos museus com uma só entrada e em uma noite. Os museus ficam abertos noite adentro, com uma programação de exposições especiais e eventos. Os preços ficam abaixo de 20 Euros por pessoa

A terceira vertente que contribuiu para o conceito internacional da Nuit Blanche é um evento de mesmo nome lançado pelo prefeito de Paris, Bertrand Delanoë, em 2002. A manifestação artística e cultural que marca o início do outono parisiense faz com que inúmeras galerias, museus, e até mesmo piscinas abram suas portas durante toda a noite para os visitantes e com entrada gratuita. As ruas recebem instalações e performances de artistas e as pessoas comparecem até o sol nascer. A cidade vira uma grande e divertida festa.

Devido ao sucesso da Nuit Blanche em Paris, em 2006, foi criada a "Noite Branca da Europa", que surge da vontade das cidades de partilhar as experiências na organização de seus eventos. A cada ano há uma troca de artistas, e de projetos. As capitais desfrutaram de um intercâmbio de artistas, cada uma delas recebendo um artista ou uma companhia de teatro proveniente de uma das capitais pertencentes à

rede da Noite Branca Européia. Fazem parte da "Nuit Blanche Europe": Paris, Roma, Bruxelas, Madri, Bucareste, Riga (na Letônia) e La Vallette (República de Malta). O evento permite que os artistas tenham espaço em diversos países e proporciona ainda uma rede de cooperação privilegiada entre os eventos organizados nas várias capitais européias.

2.2 A Virada Cultural da cidade de São Paulo.

Desde 2005, a cidade de São Paulo se inspira nestes exemplos e promove a sua versão da Nuit Blanche. A Virada Cultural é hoje o maior evento da América Latina, que oferece durante 24 horas ininterruptas uma programação ampla de qualidade e gratuita, contemplando diversos tipos de manifestações culturais. São shows, concertos, bailes, discotecagens, espetáculos de dança, de teatro, exibição de filmes, exposições de arte, apresentações folclóricas e mais uma série de atividades para adultos e crianças, que se espalham por toda a capital paulista, como o Museu do Ipiranga, as diversas unidades do Sesc e dos CEUs (Centro de Estudos Unificados), parques públicos em todas as regiões, museus e redes de cinema.

Criada e promovida pela Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a São Paulo Turismo (SPTuris) e o Sesc-SP, o evento acontece anualmente e atrai milhões de pessoas.

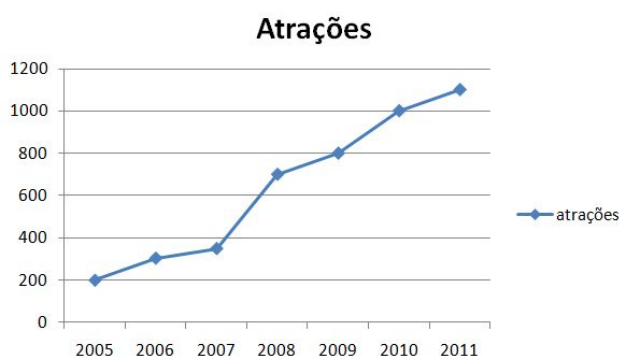
Na primeira edição, em 2005, choveu muito, mas, ainda assim, a festa foi considerada um sucesso. Neste primeiro ano o evento teve 200 atrações e recebeu um investimento de R\$ 600 mil. No ano seguinte, foram investidos R\$ 2,7 milhões e mais de 1,5 milhões de pessoas foram ao evento, era o ano dos ataques da facção criminosa PCC, e mesmo assim a população que se trancafiara em casa poucos dias antes, reocupou as ruas para contemplar a festa.

As edições de 2007 e 2008 foram responsáveis, em grande parte, pela formatação que o evento segue até hoje. Em 2007, foram investidos R\$ 3,6 milhões e teve mais de 350 atrações, neste ano houve o confronto entre polícia e público no show dos Racionais MCs, na Praça da Sé, mas não impediu que a Virada explodisse como mega-evento. Em 2008 em decorrência do incidente do ano anterior, o evento concentrou-se principalmente no centro de São Paulo e teve orçamento de R\$ 6,8 milhões.

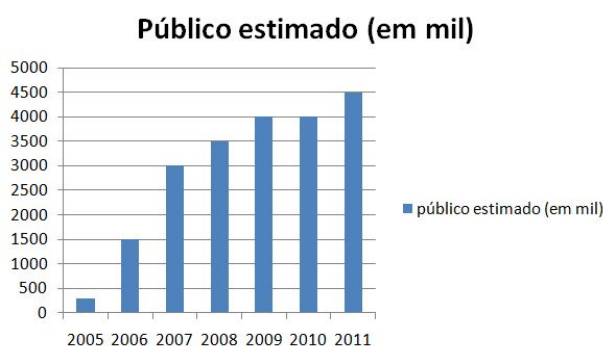
Em 2009, foram mais de 800 atrações e R\$ 5 milhões investidos. Na época os recursos foram reduzidos devido à crise mundial, mas a festa não perdeu em qualidade, uma vez que os artistas aceitaram negociar seus cachês. No ano de 2010, com orçamento próximo a R\$ 8 milhões, a Virada atraiu um público de 4 milhões de pessoas que assistiram as atrações em mais de 47 pontos espalhados pela cidade.

Entre os dias 16 e 17 de abril de 2011 ocorreu a 7ª edição do evento que reuniu mais de 4,5 milhões de pessoas de todas as classes sociais e idades. O evento trouxe em sua programação parcerias com países como Holanda, México, Espanha, Argentina e Itália, sempre preocupado em atender as mais diversas expressões culturais. Exemplos disso foram os palcos dedicados à stand-up comedy, um ringue de luta livre com lutadores mexicanos e brasileiros, além das 24 horas de Beatles que agitou uma multidão.

Podemos observar o crescimento do evento nos gráficos abaixo:



Fonte: Prefeitura de São Paulo



Fonte: Prefeitura de São Paulo

O evento tornou-se a “grande festa da cidade”, abraçada pelos paulistanos e turistas que a acompanham todos os anos. O criador do projeto José Mauro Gnaspini acredita que o sucesso se deve primeiro ao conceito que o evento busca, levar diversidade cultural à sociedade.

“Poderíamos ter resolvido de forma fácil: era só parar uma grande avenida e colocar lá Ivete (Sangalo), Zezé (Di Camargo e Luciano) e coisa que o valha por 24 horas e pronto”, diz. “Mas queríamos provar que o interessante era fazer um evento pulverizado e efetivamente cultural”. (Mauro, 2009, p.C8)

Outra característica muito específica da festa paulistana é que a Virada é um evento público, sem a presença de empresas privadas. Segundo os organizadores eles não aceitam o patrocínio porque querem que seja um evento feito com orçamento público para o público.

A menina dos olhos da Virada é a festa que ocorre no centro da cidade. Um mega-ambiente que não é de ninguém e acaba se transformado na festa de todos. É nesta região que se instalam os palcos para os principais shows e por sua proximidade uns com os outros permitem que o público transite pelas ruas encontrando a cada esquina uma atração diferente.

Ao longo destes sete anos de evento essa “mega-festa” no centro da cidade foi se tornando o foco do evento. A proposta inicial do projeto era levar cultura para todos os cantos de São Paulo, fazendo-a de fácil acesso em todas as regiões, porém a procura pelo Centro foi imensamente maior em detrimento aos bairros evidenciando a existência de uma demanda reprimida da população em ocupar o Centro, inclusive durante a noite. O fenômeno vem ao encontro das propostas de requalificação urbana, já que a revalorização do centro não deve ser somente arquitetônica, mas também humana.

Outra característica particular do evento é a diversidade de atrações, que permitem que diversos artistas se apresentem. A contratação destes se dá através de convite ou seleção. Artistas consagrados, nacional e internacionalmente, geralmente são convidados. Os demais são escolhidos por edital. Os interessados preenchem uma ficha com a proposta da apresentação e com a estrutura da qual necessitam. O resultado da seleção é definido por curadorias compostas pelos organizadores, técnicos e representantes da classe artística. Há ainda uma terceira forma de participação: muitos artistas de rua simplesmente se juntam ao evento nos dois dias de festa.

O projeto vem gerando alguns desdobramentos, e um deles aconteceu em 2010 com a “1ª Revirada Cultural”. Não se trata de uma reedição da Virada Cultural, mas a Revirada se inspira na Virada ao propor novamente a celebração da cidade,

em especial de sua região central, por meio de mais um evento com espírito de festa de rua. O objetivo do projeto é promover eventos periódicos em localidades específicas com temas diversos como “baile”, mote da primeira edição, e promove-lo periodicamente dando continuidade à Virada, fazendo com que este tipo de realização não fique restrito a um único final de semana durante o ano.

Outro evento que derivou da Virada Cultural e mantém o mesmo conceito é a Virada Esportiva, com o objetivo de levar aos paulistanos 24 horas ininterruptas de atividades esportivas, recreativas e de lazer. A idéia é levar uma programação esportiva variada a todas as regiões da cidade, possibilitando que a população aproprie-se dos espaços públicos, praticando muita atividade física durante o final de semana.

Por ultimo vale destacar que a Virada Cultural incentivou a realização de outras iniciativas semelhantes, entre elas a Virada Paulista, promovida pelo governo do Estado de São Paulo em várias cidades do interior e o Viradão Carioca, realizado no Rio de Janeiro desde 2009 pela Secretaria Municipal de Cultura, dentre outras ações semelhantes por todo o país. O evento também desperta interesse estrangeiro. A cidade de Santiago, no Chile, enviou em 2010 representantes do governo para participar e conhecer o evento realizado em São Paulo.

3. Política cultural, política de eventos

Políticas culturais são propostas desenvolvidas pela administração pública, com o objetivo de promover o desenvolvimento de uma sociedade através da cultura. O Estado deve ser um fomentador de cultura, agindo no apoio às pesquisas, e na implantação de infra-estrutura para que as manifestações culturais aconteçam. Deve permitir o acesso da sociedade às fontes de cultura, fazer com que ela se encontre consigo mesma e fortaleça a sua própria identidade.

Se incluem como ações pertinentes ao governo a instalação e manutenção de teatros, bibliotecas, museus, escolas etc., além da divulgação local, nacional e internacional dessa produção, como também da história, da memória e dos costumes locais.

Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura a preservação e a divulgação do patrimônio histórico. (COELHO, 2004, p. 293)

Para tal o governo deve ter como base alguns princípios, sendo o primeiro deles reconhecer o pluralismo e as diversidades culturais, de forma a respeitar as diferentes identidades e formas de expressão.

A política cultural deve levar em conta que o poder público não produz cultura, ou seja, não impõe pautas, estéticas, gostos literários ou orientações culturais, mas considera a autonomia das diversas manifestações. Sendo assim, deve pensar em formas de descentralizar as atividades promovendo a integração cultural/social no âmbito da vida cotidiana.

Assim a política cultural deve ser uma ação voltada para todos e não para alguns segmentos da sociedade, preocupando-se com a democratização da cultura, de forma a proporcionar à população o acesso aos bens culturais

Uma política cultural deve ser articulada com o desenvolvimento local. Ou seja, a cultura não deve ter lugar apenas nos órgãos a ela dedicados, não deve se restringir às atividades realizadas em casas de cultura, bibliotecas, museus, etc.,

mas deve se fazer presente no cotidiano das pessoas. O papel da cultura é instigar o cidadão a realizar sua cidadania e participar ativamente da dinâmica da cidade.

Segundo Teixeira Coelho (2004), uma política cultural de Estado se faz presente quando são pensadas ações que englobem tanto o mercado cultural, incluindo medidas de financiamento à produção de novos produtos, mas também compreenda a cultura alheia ao mercado, ou seja ações de preservação de modos culturais que não possuem interesse econômico.

O oposto a uma política cultural é a política de eventos, que se baseia em programas isolados, não se ligando a outras ações.

Designa um conjunto de programas isolados – que não configuram um sistema, não se ligam necessariamente a programas anteriores nem lançam pontes necessárias para programas futuros – constituídos por eventos soltos uns em relação aos outros (COELHO, 2004, p. 300)

Esse tipo de ação vem sendo criticada por seu caráter imediatista, se encerrando em si mesma e não trazendo resultados posteriores aos expectadores. Tratam a cultura pelo seu aspecto "espetacular" e o evento torna-se uma oportunidade para a promoção política e de empresas. Dessa forma ele é planejado com base na amplitude de mercado que atingirá, sendo responsável pela geração de produtos culturais de baixa qualidade.

Esta critica parte do principio que evento é o viés da cultura visto como produto de consumo imediato. Todos os acontecimentos que não buscam uma continuidade em suas ações, como, shows, feiras, exposições, seminários, entre outros, serão chamados de eventos culturais.

Porém, o evento não deve ser descartado das políticas culturais. Segundo COELHO (2004), o evento é, em sua definição estrita, um acontecimento fora do comum, algo que quebra uma cadeia de rotinas, despertando e merecendo a atenção provocada permitindo assim uma visão mais abrangente, que perceba no evento uma forma de se democratizar a cultura

O eventismo não deve ser visto apenas como uma estratégia de entretenimento, de mídia, de negócios e de promoção turística e cultural. Trata-se da mais nova tendência de democratização da cultura e das artes em geral e da promoção da cidadania individual e coletiva. (PINSKY, 2002, p.66)

É este tipo de ação que pode estimular a produção cultural. Devemos lembrar que o evento produz resultados anteriores e posteriores a si, como poderemos ver no decorrer deste trabalho. São cada vez mais numerosos os eventos criados pensados nos diversos bens que este empreendimento pode trazer. Ações deste tipo são importantes divulgadoras de novos grupos artísticos, espaços e até de cidades. O evento quando não isolado, mas como parte de uma política cultural, traz benefícios que nenhuma outra ação poderia trazer.

Eventos são agentes promotores da cultura local, regional e nacional. Contribuem para revitalizar espaços, dinamizar mercados, formar novos consumidores culturais e atrair novos investidores (PINSKY, 2002, p.65)

Uma política cultural deve agregar valores sociais, políticos, econômicos e culturais para a comunidade, contribuindo para o seu desenvolvimento, e se para isto for necessária a realização de eventos, de forma a cobrir espaços ociosos dentro de uma ampla programação, o evento será bem vindo, como forma de catalizar os efeitos que a política cultural busca.

No Brasil durante anos as políticas culturais estiveram, e ainda estão, atreladas aos programas de isenção fiscal. Essa política é criticada pois o dinheiro público tem sido utilizado para promover a imagem de empresas e políticos. A cultura passou a ser terceirizada em nosso país, e a política cultural do Brasil passou a ser somente criar leis de incentivo que permitam às empresas selecionar o que será produzido em nosso país em troca de publicidade e exposição da marca.

O problema maior surge quando essas políticas de financiamento se tornam as norteadoras das políticas culturais, quando na verdade deveria ser o contrário. Não há problemas em criar leis de isenção fiscal, mas o governo deve ter outras ações que também permitam o desenvolvimento da cultura. Segundo Isaura Botelho, Doutora em Ação Cultural pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), o Estado deve fazer a regulamentação para o investimento privado mas também manter-se presente no financiamento direto das atividades artísticas e culturais.

3.1 Política cultural de São Paulo: breve histórico

Para compreender a política cultural de São Paulo, é necessário rever alguns dos momentos mais marcantes desta construção que permitiram que São Paulo fosse com o tempo ganhando o status de cidade irradiadora da cultura.

Entre os anos de 1870 e 1920, São Paulo passou por uma fase de rápida expansão econômica e populacional, dessa forma a vida cultural da cidade começou a brotar, junto com inúmeros teatros que foram surgindo por toda a cidade. A criação do Teatro Municipal marcou o momento em que a cultura passou a fazer parte das preocupações e ações do governo municipal, foi importante para transmitir ao resto do país a ideia de “progresso e civilização”

Buscando imitar o que na Europa fazia parte de sua cultura, para os vereadores da Câmara Municipal ser civilizado adquiria o sentido de ter um teatro que correspondesse à riqueza material da burguesia (PEREIRA, 2005, p.43)

Foi a necessidade de se mostrar civilizada que fez a cidade passar a se preocupar com ações de caráter cultural fazendo a sociedade paulista ser associada as ideias de cultura e educação.

O Teatro Municipal foi então palco de um dos movimentos artísticos mais conhecidos de nossa história: a Semana de Arte Moderna de 22. O evento reuniu nomes consagrados do modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti e Menotti Del Pichia, sendo um marco na arte brasileira, que passou da vanguarda para o modernismo, trazendo ideias inovadoras para a cultura de nosso país.

Anos mais tarde, alguns dos participantes deste evento, fizeram parte da criação do Departamento de Cultura que se deu junto à preocupações com aspectos mais amplos e diversificados da vida da cidade. Buscava por fim ao desequilíbrio da cidade em relação aos grandes centros da Europa, mas aproveitando o que de melhor havia por aqui em relação a cultura. O Departamento foi o responsável pelas pelos primeiros estudos e planos para ações culturais pela cidade de São Paulo, buscando ser um modelo para o Brasil.

Em 1945, após o fim da ditadura do Estado Novo, começaram a surgir mudanças na administração da cidade, e o Departamento de Cultura passou aos poucos a se desvencilhar do Gabinete do Prefeito até que nos anos de 1975 e 1982 foram criados respectivamente a Secretaria Municipal de Cultura e o Centro Cultural

São Paulo. Estas criações foram o reconhecimento final do governo da necessidade de organizar politicamente a cultura no município.

3.2 Políticas culturais de São Paulo atuais

Atualmente a política cultural da cidade de São Paulo tem trabalhado em dois eixos: formação e fomento. O primeiro busca criar programas para estimular o conhecimento artístico, possuindo atualmente três ações:

- **Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA)**, promove uma aprendizagem baseada na criatividade e no respeito pelas diferentes culturas para crianças de 5 a 12 anos, realizando atividades de Música, Dança, Teatro e Artes Visuais.
- **Programa de Iniciação Artística (PIÁ)** que procura levar a metodologia criada na EMIA para crianças de 5 a 14 anos para bibliotecas públicas, teatros distritais e nos Centros Educacionais Unificados (CEUs).
- **Programa Vocacional** que atende a qualquer pessoa a partir dos 14 anos nos Projetos: Artes Visuais, Música, Teatro, Dança, Vocacional Apresenta e Vocacional Aldeias.

Já as ações voltadas para o fomento estão ligadas a editais que contemplam as seguintes áreas:

- **Cinema:** incentiva a produção cinematográfica, por meio de editais de co-patrocínio, está voltado à produção e finalização de obras audiovisuais. Abrange diversos formatos: longas-metragens, curtas-metragens, roteiros, documentários e filmes de animação.
- **Dança:** a prefeitura subsidia grupos, seleciona projetos de trabalho continuado em dança contemporânea e procura difundir a produção artística da dança independente, promovendo o acesso da população à produções do setor.
- **Teatro:** São realizados dois editais por ano, um por semestre, onde os grupos interessados apresentam seus projetos que, se contemplados, recebem recursos da Prefeitura para realizar as atividades.

A prefeitura também possui o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, criado em 2003, tem a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do município desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

Além destas ações, a prefeitura também possui a Lei Mendonça, lei de

incentivo fiscal, onde as empresas que se beneficiarem desta lei podem deduzir os seguintes impostos: Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS) e Imposto sobre a Propriedade Territorial Urbana (IPTU). As doações se destinam à realização de projetos das áreas de música; artes cênicas, audiovisual, artes visuais, literatura e bibliotecas, patrimônio histórico e acervos, registro, inventário e conservação de tradições culturais. Diferentemente de outros mecanismos de incentivo fiscal, a lei não cria forma de abatimentos distintos para pessoas físicas ou jurídicas.

O objetivo da política cultural da São Paulo é apoiar projetos culturais por todo o município tentando desfazer a concentração cultural que surgiu devido ao crescimento desordenado de São Paulo.

Ao analisar a cidade e sua distribuição de equipamentos culturais, é fácil perceber o desequilíbrio existente, onde há uma baixa correspondência entre os locais de maior concentração urbana e a distribuição dos equipamentos. Os centros culturais estão concentrados principalmente nas regiões centro e oeste da cidade. As bibliotecas, porém, possuem a melhor distribuição pela cidade, sendo 67 espalhadas por todas as regiões da cidade e que realizam ações que ultrapassam suas obrigações tradicionais, promovendo projetos para públicos específicos.

Tais como os de estímulo à leitura, voltado para crianças, assim como projetos para a terceira idade. Desenvolvem, ao mesmo tempo, uma gama de atividades ligadas às artes (dança, música, teatro, por exemplo). Algumas têm um núcleo Braille, outras mantêm pequenos museus ligados à história do bairro. Uma delas mantêm sessões semanais de cinema, numa região em que não há nenhuma sala cinematográfica comercial. (BOTELHO 2007, p. 6)

Ou seja, as bibliotecas estão realizando um esforço para responder as demandas existentes nos locais onde estão instaladas, funcionando em alguns casos como um pequeno centro cultural.

Outra ajuda que a cidade possui é a do SESC que vem trabalhando junto à prefeitura o desenvolvimento da cultura em São Paulo. A instituição realiza papel fundamental neste setor e estabeleceu como prioridade o desenvolvimento de atividades em regiões carentes do município, colaborando para a democratização da cultura na cidade. Dessa forma o SESC, além de ser uma das instituições mais importantes como prestadora de benefícios sociais, afirma-se também como um dos maiores responsáveis pelo oferecimento de cultura e lazer para aqueles que não podem obtê-los em suas formas mais sofisticadas

Percebemos portanto que a cidade que vem buscando construir a imagem de capital da cultura ainda enfrenta uma grande desigualdade cultural.

3.3 Virada Cultural - o evento como parte de uma política cultural

São Paulo, a cidade mundialmente conhecida por sua oferta e diversidade cultural, não possui uma política cultural que atenda as reais necessidades de sua população. O atual cenário é reflexo de uma construção histórica, que sempre privilegiou as elites, e por muitos anos, as camadas mais baixas da população foram deixadas de lado. Nos últimos anos, porém, tem se visto uma tentativa de mudar esse cenário implantando uma política cultural que atenda a todos os setores da cultura paulistana.

Pensar em uma política cultural, como vimos, é pensar na diversidade, em acesso à cultura e também pensar em acesso à troca de conhecimentos e na promoção do exercício da cidadania pela maior parte da população. Devemos lembrar que de acordo com Teixeira Coelho é possível a adesão de ações eventuais dentro das políticas culturais.

Uma política cultural, no seu sentido específico, deve compreender atividades continuadas, que prolonguem seus efeitos no tempo e no espaço, mas deve ser capaz de prever intervalos “vazios” a serem preenchidos por eventos, que, por sua singularidade, têm o poder de irrigar, com a força de um impacto de variada natureza, o tecido cultural formal. (COELHO, 2004, p. 301)

Não há como negar que a Virada Cultural seja um evento, ela se encerra em si. Antes ou depois da Virada, não há ações diretamente ligadas a ela. Porém não podemos considerá-la como parte de apenas uma política de eventos. Os benefícios gerados pela Virada Cultural podem transformar a cultura da cidade, colaborando para o incremento da política cultural de São Paulo.

Devemos portanto analisá-la para entender os motivos que a levam a ser parte de uma política cultural. Sendo assim, devemos observar quais as oportunidades criadas para o desenvolvimento de outras ações locais e qual o valor desse evento para mudanças significativas na democratização da cultura, e o seu papel dentro de uma política cultural. É necessário avaliar se essa atividade vem

realmente se tornando um difusor cultural e promovendo a acessibilidade, sem ênfase a um caráter mercadológico.

4. Democratização da cultura

O acesso igualitário de todos os indivíduos e grupos aos bens culturais é a melhor forma de corrigir as desigualdades socioculturais. Estamos falando do conceito de democratização cultural, que tem como objetivo a distribuição e a popularização da arte em todos os níveis da sociedade.

A democratização cultural deve ser o objetivo principal de qualquer política cultural, as políticas públicas devem ter como objetivo aumentar o número de receptores da cultura fortalecendo assim a cidadania e a inclusão social. O governo deve considerar que todos os indivíduos, e não apenas os artistas, são sujeitos e produtores culturais, e, por isso, devem ser o foco de atividades e projetos da administração governamental.

Nesta tendência, cabe à gestão pública a missão de promover a superação de exclusões e desajustes e da distância entre os “culturalmente integrados” e os “excluídos”. O Estado deve oferecer a todos o acesso à produção cultural (CANEDO, 2001, p 01)

O que se deve pensar em primeiro lugar é a participação popular nas decisões sobre estas políticas, elas devem ser um somatório de esforços e compartilhamento de responsabilidades entre o poder público e a sociedade civil na implementação e desenvolvimento de programas culturais. A cultura quando é definida somente pela burocracia das secretarias de cultura, sem passar pelo crivo do público a que se destina pode acabar se tornando uma cultura de dirigismo, uma vez que o governo pode acatar com algumas expressões da cultura, deixando outras de lado.

Uma política de democratização da cultura deve defender a existência de múltiplas expressões culturais em uma mesma sociedade e estimular a autonomia dos grupos culturais.

O Estado deve dar apoio às diversas manifestações clássicas, eruditas e populares; profissionais e experimentais; consagradas e emergentes; e reconhecer as dinâmicas inovadoras de movimentos sociais, comunitários, religiosos, étnicos ou de gênero. (CANEDO, 2001, p.4)

O governo deve trabalhar para que não haja uma dominação cultural, e dar meios para que as diversas culturas possam produzir seus próprios conteúdos e divulgar tais conteúdos em outros espaços, justamente para que eles possam preservar a sua diferença, a sua individualidade. As pessoas e os grupos sociais têm o direito a sua identidade, a mantê-las, difundi-las além de conhecer outras novas. Para isso o governo deve trabalhar diversos aspectos relacionados à cultura, que contribuam para esta democratização.

Um dos modos de democratizar a cultura é ampliar o acesso aos bens culturais, já existentes. O acesso é a condição prévia que possibilita à sociedade a apropriação do produto cultural. Segundo Maria Helena o acesso à cultura envolve vários aspectos:

O acesso físico implica em melhor distribuição geográfica dos equipamentos culturais e o transporte fácil e seguro para que todos, da periferia, do centro, dos subúrbios, possam chegar facilmente e com segurança aos locais onde os eventos culturais acontecem; o acesso econômico diz respeito aos custos de participar da vida cultural da cidade ou de uma comunidade, custos esses que precisam ser subvencionados tanto para que a criação quanto o consumo sejam possíveis para todos os membros da população; e o acesso intelectual, ou seja, a compreensão das linguagens da arte, da história e do contexto social em que a cultura é criada. (HELENA, 2011.)

Um outro ponto de toda política cultural deve ser em pensar no acesso à educação cultural e na promoção do exercício da cidadania pela população. Até mesmo um evento pode ter ações educacionais. Quando forem pensadas ações que incrementem o conhecimento do público, pode-se considerar que possui uma postura educacional. É o caso do Centro Hélio Oiticica, no centro do Rio de Janeiro, que ministra palestras que buscam aproximar o público com a arte contemporânea.

O governo deve pensar em ações educativas para a sociedade, para que possam contemplar a cultura no seu mais profundo sentido.

A educação cultural deve ser voltada à compreensão e valorização da diversidade. Desse modo, o governo deve ser capaz de respeitar os diferentes grupos sociais, etnias e representações. Sua contribuição será ainda maior se renunciar ao uso de abordagens "folclorizadas" ou "pitorescas" da cultura popular,

que a tratam como “sub-cultura”. Assim, ao ampliar o conhecimento das manifestações dos diversos grupos sociais, o governo colaborará para que diferentes grupos se sintam não só reconhecidos, mas também sujeitos desse conhecimento que lhe está sendo ofertado.

Conhecer as diversas manifestações permite que a sociedade não só reforce sua identidade como também esteja apta a criar novas expressões. O conhecimento e a troca de informações é que pode gerar novas expressões culturais.

Ampliando um pouco esse conceito, espera-se que todo cidadão, por intermédio da educação patrimonial, possa, primeiro, localizar-se na história e na comunidade, identificando sua posição nela. Daí, poderá cuidar de garantir a permanência dos suportes materiais que contêm as marcas da história e dar continuidade à produção cultural. (RANGEL, 2009, p. 04)

Logo, democratizar a cultura é repassar conhecimentos sobre a mesma, oferecer acesso aos bens culturais, fortalecer a identidade e promover a produção de novos produtos culturais.

4.1 A Virada Cultural promove a democratização da cultura?

A Virada Cultural para se consolidar como parte de uma política cultural deve principalmente permitir que todas as camadas sociais tenham acesso às mais diversas expressões culturais. Para atingir este objetivo, as bases do evento vão seguindo pelo caminho certo. Este evento acima de tudo é formador de platéia, que é o primeiro passo para a democratização da cultura.

A difusão cultural acontece através de políticas de formação de platéias (e de consumidores). Em geral, o Estado subsidia os ingressos para os espetáculos, oferecendo ao público a oportunidade de assistir à ação cultural com entradas mais baratas ou até mesmo gratuitas. Cabe à população o interesse de aproveitar as oportunidades de se “cultivar” (CANEDO, 2001, p 01)

A realização do edital permite que pequenos grupos tenham chance de se apresentar em um grande evento ao lado de grandes nomes, e quem sabe até se tornem conhecidos a partir de então. Foi o caso da banda O Teatro Mágico, que realizava pequenos shows independentes pela cidade, quando em 2006 se apresentou na Virada Cultural e teve um dos maiores públicos do evento, desde

então o grupo se tornou conhecido nacionalmente. O edital é uma maneira de abrir uma conversa com o público

Outro aspecto que colabora com a democratização cultural é o fato de a grande maioria das atividades serem gratuitas, as que são pagas, muitas vezes estão a preços populares. O público acaba se motivando a assistir diversas atrações.

Essa diversidade de expressões culturais ganha mais força no sentido de democratizar a cultura, ainda mais por estarem concentradas no centro da cidade. O evento se consolidou como parte de um projeto de revitalização do centro, e tal objetivo vem aos poucos sendo alcançado. A proximidade física permite que as pessoas mesmo que por acaso apreciem atividades diferentes das que estão interessadas, e assistam em um intervalo pequeno a diversas atrações. A grande oferta de espetáculos permite que entre uma programação e outra que foram planejadas pelo expectador, ele se depare com uma atividade diferente, conhecendo nesse meio tempo uma expressão artística diferente.

Porém, devemos perceber que a iniciativa ainda está longe de ser uma ação predominantemente de democratização cultural.

Um primeiro ponto questionável é exatamente esta concentração das atrações no centro da cidade. O que se tem notado nas últimas edições é uma excessiva aglomeração de atrações no centro e aos poucos um abandono da ideia original da Virada Cultural em tomar a cidade inteira. Ao longo dos anos essa concentração de atividades no centro da cidade vem aumentando. Uma área maior do centro está sendo utilizada para as atrações, enquanto o resto da cidade vai deixando de receber as apresentações.

Temos aqui uma questão delicada, pois a concentração de atividades permite a interatividade da sociedade e a segregação por bairros poderia fazer a população se concentrar nos palcos próximos a suas casas e deixar de ter a experiência que o evento traz. O governo deve pensar numa solução que permita que a população tenha acesso ao evento mas que não gere uma segregação por bairros.

Devemos lembrar que ao criar atividades espalhadas pela cidade a prefeitura estaria mais próxima de múltiplos grupos, que poderiam ter uma primeira experiência num evento como este, fazendo-os perceber que a Virada Cultural é um evento para todos. Atividades por todo o município permitiriam ainda mais o acesso da população, colaborando para o aumento da democratização da cultura.

O governo deve portanto pensar em ações que permitam que o público continue participando da festa no centro e ao mesmo tempo esteja presente em locais que não possuem equipamentos culturais sendo uma forma de aproximar a sociedade local da cultura, e conseqüentemente democratizar o acesso a ela.

Outro aspecto que deve ser questionado é a falta de participação pública na formação da programação do evento.

Fazendo uso do diálogo com a comunidade, é possível conhecer suas necessidades e anseios, fazendo-se as seguintes perguntas: Qual a vida cultural da cidade/comunidade? Onde ela se dá? Quais os seus aspectos essenciais? Quais as manifestações culturais dos variados grupos que compõem essa comunidade? Como elas se relacionam umas com as outras? Como resultado, serão atendidas múltiplas necessidades da comunidade e a construção de sentidos será feita por meio da discussão e da circulação dos discursos entre atores sociais diferentes. Dessa forma, uma variedade de perspectivas será apresentada à comunidade, em vez do ponto de vista de um único grupo. (HELENA, 2001)

A Virada Cultural possui, como já foi dito, o edital para a seleção de grupos menores e os nomes já renomados são escolhidos diretamente pela prefeitura. Porém em nenhum destes momentos são pensadas ações que permitam ao público decidir sobre estas atrações.

O que vem acontecendo nos últimos anos é uma participação forçada pelo público. A prefeitura não incentiva estas iniciativas, porém vem recebendo pela internet, seja por e-mail, ou pelas redes sociais, pedidos da população para que certos grupos sejam convidados a participar do evento.

Foi o que aconteceu este ano com o grupo Os Avassaladores, que no início do ano fizeram sucesso com um vídeo postado na internet. A prefeitura de São Paulo recebeu inúmeros e-mails pedindo pela participação da banda, na Virada Cultural, e fez o convite.

Essa nova interação que a internet permite vem crescendo a cada dia, e os sites de relacionamento se tornaram uma caixa de sugestões, onde a pessoa se sente cada vez mais confortável em deixar sua opinião. A prefeitura não pode simplesmente deixar esta tendência passar despercebido. Deve criar ações que incentivem a participação popular na formação da programação do evento.

Um bom exemplo a ser seguido é o caso do Rock in Rio 2011, que criou via redes sociais uma votação popular, onde o seu público pôde votar em atrações a serem convidadas para o festival. É uma maneira de aproximar o público do evento,

e fazer ele se sentir parte do processo criativo das atrações, deixando de ser apenas receptor.

A participação da sociedade na construção de um produto cultural se faz necessária para impedir que haja uma fabricação cultural, que é quando o governo promove ações com início, meio e fim determinados. A participação da comunidade transforma o evento em uma ação cultural.

Processo de invenção e construção conjunta, entre mediadores e público dos fins e meios culturais visados, não raro definidos apenas no decorrer do próprio processo. Políticas culturais que respeitam os interesses dos indivíduos, públicos e comunidades optam por programas de ação cultural. (COELHO, 2004, p. 175)

A ação cultural valoriza o processo, possui um início determinado mas não possui de imediato um objetivo definido, este é construído em conjunto com o público e é o tipo de ação que alcança com melhores resultados a democracia.

Outro aspecto que surge aqui é a ausência de ações contínuas a partir da Virada.

Oferece somente participação no consumo cultural do que já foi produzido por outros grupos, de outras regiões ou outros tempos, não facilitando a criação cultural própria. Por isso, essa política precisa ser complementada por uma outra: da democracia participativa ou democracia cultural que busca fomentar a criatividade, para que os vários setores da sociedade se façam atuantes (HELENA, 2011)

Não há por parte da prefeitura uma preocupação em criar ações educativas decorrentes do evento. A criação de um curso de artes por exemplo, que buscasse criar novos talentos para que se apresentassem no ano seguinte não existe. Ou até mesmo a utilização dos recursos já existentes, como o EMIA, que promove a iniciação de jovens nas artes, não possui participação na Virada Cultural. Uma política cultural deve pensar em vincular estas diversas iniciativas. De forma que esses grupos que trabalham o ano inteiro tivessem espaço na Virada Cultural para se apresentar, sendo um estímulo aos participantes e também um convite à população para que mais pessoas se inscrevam nestes programas.

5. Patrimônio e identidade cultural: preservação.

A palavra patrimônio tem sua origem atrelada ao termo grego pater, que significa “pai” ou “paterno”. De tal forma, patrimônio veio a se relacionar com tudo aquilo que é deixado pela figura do pai e transmitido para seus filhos. Com o passar do tempo, essa noção de repasse acabou sendo estendida a um conjunto de bens materiais que estão intimamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma coletividade.

Embora, a noção de atribuir valor artístico e histórico a objetos do passado fosse uma prática já no Renascimento, é propriamente com o fim do Antigo Regime, na Revolução Francesa, que se formaram as ciências e os profissionais especializados a guardar, proteger e justificar uma política pública de defesa do patrimônio histórico nacional.

Foi nesta época que se elaborou o conceito de monumento histórico e os instrumentos de preservação (museus, inventários, tombamento, reutilização) a ele associados. Era necessário preservar alguns bens por seu valor pedagógico e artístico e aqueles que poderiam representar a identidade da nação.

Avançando pelo século XX, observamos que as noções sobre o espaço urbano, a cultura e o passado, foram ganhando outras feições que interferiram diretamente na visão sobre aquilo que pode ser considerado patrimônio. A noção de cultura deixou de ser somente a cultura erudita e passa a englobar as manifestações populares. Diante de tal mudança, o conceito de patrimônio acabou englobando outras possibilidades como podemos ver na Constituição brasileira de 1988 que estabelece no seu Artigo 216 o seguinte:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos

urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.(Brasil, 1988)

Dessa forma o conceito de patrimônio sofre uma expansão que não é apenas quantitativa, modifica o seu caráter, indica um novo julgamento, que deixa de ser técnico e passa a trabalhar com a noção de que patrimônio é uma construção social.

O que antes trabalhava somente com um campo restrito, que abrangia somente os bens materiais móveis e imóveis, se expande para o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo, de uma comunidade. Patrimônio a partir de então faz parte de nosso cotidiano e estabelece as identidades que determinam os valores que defendemos.

Envolve não só todas as realizações do homem, como também o meio em que vive e os recursos apresentados pela natureza e que são por ele transformados para prover suas necessidades materiais e espirituais (COELHO,1992, p. 31)

Essa nova abrangência do termo estabelece duas classes de patrimônio, o material e o imaterial. O primeiro está ligado aos bens edificados e os objetos que tiveram significado na formação de nossa cultura. O segundo abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva, alguns exemplos de patrimônio imaterial são: os saberes, os modos de fazer, as danças populares, lendas, músicas, entre outras coisas.

Dessa forma patrimônio é o que resgata a identidade de uma sociedade, é a preservação da memória coletiva. Os bens culturais guardam informações, significados, mensagens e registros históricos, refletem idéias, crenças, costumes, condições sociais, econômicas e políticas de um grupo em determinada época, e isto permite à sociedade que retome seu passado para que se compreenda o presente de forma a promover um desenvolvimento cultural e social, com reflexos no futuro.

5.1 O Patrimônio de São Paulo: o Centro histórico

O maior patrimônio de São Paulo está no centro da cidade, lá estão construídos edifícios e memoriais. Até o século XIX, nas ruas do triângulo, atuais ruas Direita, XV de Novembro e São Bento, concentravam-se o comércio, a rede bancária e os principais serviços de São Paulo. No final do século, a cidade passou

por profundas transformações econômicas e sociais decorrentes da expansão da lavoura cafeeira e do afluxo de imigrantes europeus. Em 1895 a população de São Paulo era de 130 mil habitantes chegando a quase 240 mil em 1900. Nesse período, a área urbana se expandiu para além do perímetro do triângulo.

O centro tradicional paulistano, que no início do século fora um espaço das elites, passou por um crescimento com a criação de áreas mais valorizadas, ao passo que as anteriores foram sendo gradativamente abandonadas e entregues à deteriorização de seus equipamentos. A partir de então, o centro tradicional passou a ser cada vez mais identificado como espaço das classes populares.” (Frúgoli, 2000, p.38)

A partir dos anos 60 aquilo que era conhecido como Centro Metropolitano dividiu-se em “Centro tradicional” e o “Centro Novo”. Este movimento se deu devido ao “milagre econômico” entre os anos de 1968 e 1973, quando ao redor da Avenida Paulista estruturou-se o novo centro comercial da cidade. Alguns anos depois, já nos anos 90, uma nova área de concentração de sedes empresariais viria a configurar o “Centro Berrini”. Outros pequenos centros foram sendo criados, próximos aos bairros mais distantes e populosos de São Paulo.

Com estas transformações no espaço urbano da cidade, o centro histórico passou a sofrer freqüente deteriorização e abandono da população, passando a ser apenas espaço para a implantação de escritórios e deixando seus prédios e ruas abandonados aos finais de semana.

Nos últimos anos, porém, o governo e a sociedade começaram a buscar a reabilitação da região estimulando seu potencial econômico e resgatando sua atratividade, de forma a valorizar o patrimônio cultural existente no bairro.

5.1.1 Projetos de revitalização: Viva o centro e PROCENTRO

O centro da capital paulistana tem recebido nos últimos anos investimentos tanto do setor público quanto do setor privado em forma de parcerias afim de revitalizar a área que passou por um de degradação e desvalorização. Algumas associações como a Viva o Centro e a Procentro, dos setores privado e público respectivamente, foram criadas com esse intuito.

Um dado central que não estava expresso no início do processo, e que posteriormente se articulou com grande significado no resgate do centro

tradicional como um espaço estratégico da vida metropolitana, é o argumento de que, num momento em que é decisiva a transformação de São Paulo numa “cidade mundial”, um dos imperativos seria a existência de um centro decisório forte e articulado, capaz de agilizar o processo de tomada de decisões, além de criar uma imagem positiva da metrópole (FRUGOLI, 2000, p.75)

A prefeitura iniciou uma série de ações para melhorar esta área urbana e para isto criou o Programa de Reabilitação da Área Central do Município de São Paulo – PROCENTRO, buscando o desenvolvimento social e econômico da região.

Dentre algumas das ações tomadas, o programa, reformou a Biblioteca Mário de Andrade, remodelou a iluminação e restaurou os calçadões. A revitalização inclui ainda a reforma da fachada do Edifício Martinelli - o primeiro arranha-céu de São Paulo e a criação do Museu da Cidade, no Palácio das Indústrias, dentre outras dezenas de reformas que já foram e ainda estão sendo realizadas.

A sociedade civil, porém, também toma consciência da importância do centro histórico e seu papel no desenvolvimento da cidade e cria o projeto Viva o Centro. Mantida por contribuições regulares de seus associados e mantenedores, a associação objetiva o desenvolvimento da Área Central de São Paulo, em seus aspectos urbanos, culturais, funcionais, sociais e econômicos. Algumas ações realizadas pela associação são fiscalizar a atuação do poder público na área e estimular parcerias entre iniciativa privada e o poder público em benefício da comunidade.

Como parte de ambos os projetos está a realização de ações que tragam a sociedade para a região, principalmente aos finais de semana período de esvaziamento do centro. Dentre estas ações está a criação da Virada Cultural.

5.3 A importância da Virada Cultural para a preservação do Centro Paulistano

A Virada Cultural de São Paulo domina as ruas do centro e ocupa diversos imóveis históricos que retratam o desenvolvimento da capital paulista, sendo uma oportunidade para desfrutar um pouco mais da época de ouro da maior metrópole do país de uma maneira fácil e acessível. Alguns destes espaços são:

-Estação Júlio Prestes. Erguido nas década de 20 e 30, seu projeto arquitetônico foi premiado pelo 3º Congresso Panamericano de Arquitetos em 1927. Mas com o início da decadência do centro, a estação Júlio Prestes ficou obsoleta

juntamente com sua arquitetura que, mais clássica que a muitos edifícios modernos, só é contemplada em dias de grandes concertos na Sala São Paulo – sala de concertos acoplada ao edifício com a intenção de revitalizar e trazer ainda mais frequentadores ao espaço.

-Galeria Olido: abrigou as primeiras salas de cinema da cidade. A partir dos anos 80, com a forte entrada do capital estrangeiro no Brasil, os cinemas migraram para os novos centros de compras: os shoppings. Sem frequentadores como antes, o Cine Olido acabou ficando desatualizado e sem recursos. Em 2004, ele foi reinaugurado com um novo nome e várias outras atrações além dos cinemas para atrair mais público e para aumentar o ciclo cultural da capital.

-Galeria Prestes Maia: Inaugurada em 1940 foi primeira a ter escadas rolantes no Brasil e também um ícone de cultura nos anos 50 e 60. Entretanto, o charme da época de glória do prédio sucumbiu ao tempo: o prédio que abriga as esculturas de Victor Brachelet (“Graça I” e “Graça II”) e a réplica da escultura Moisés, de Michelangelo, feita por Liceu de Artes e Oficiais, está em desuso.

-Pátio do Colégio A primeira construção da cidade marcou o começo das atividades sociais de São Paulo. Fixado no alto de uma colina, entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, o Pateo do Collegio hoje é considerado um sítio arqueológico. Embora a maioria das edificações não constem mais os traços originais, o casarão serve hoje de pólo cultural e religioso.

Estes exemplos podem nos mostrar a importância dos espaços que são ocupados pela Virada Cultural, e sua atual situação de degradação. A prefeitura vem ao longo dos anos tentando criar novas atrações para estes espaços afim de preservá-los, e esta ação se faz necessária pois

A preservação dos sítios urbanos, como os centros históricos das cidades em desenvolvimento, é a mais importante tomada de posição da sociedade para a garantia da preservação de sua memória coletiva (COELHO, 1992, p.35)

Preservar o centro de São Paulo é garantir a manutenção de uma identidade que está condicionada aos poucos a se perder devido ao rápido desenvolvimento que a cidade passa. A metrópole está inserida num contexto de globalização, que traz mudanças para a identidade dos indivíduos. Conforme Stuart Hall (2003) nos explica a identidade de uma nação, na sociedade pós-moderna está condicionada a mudanças, uma vez que o mundo globalizado destrói barreiras e permite que

culturas diferentes interajam. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades.

Conseqüentemente a isto, nos últimos tempos desenvolveu-se a nível social uma crescente preocupação pela preservação do patrimônio cultural, como forma de preservar a própria identidade.

Para boa parcela dos profissionais do patrimônio, de orientação ideológica de direita e de esquerda, o grande papel do patrimônio cultural é o da manutenção, construção ou reconstrução da identidade (pessoal ou coletiva) de modo sobretudo a proporcionar ao indivíduo e ao grupo um sentimento de segurança, uma raiz, diante das acelerações da vida cotidiana na atualidade. (COELHO, 2004, p. 288)

Este processo depende da utilização de mecanismos legais, através de leis de proteção e restaurações que possibilitem a manutenção das características originais. Cabe ao governo identificar, recuperar e conservar o patrimônio cultural de um município, estado ou país, assegurando à população o acesso a este patrimônio e impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

A existência da Virada Cultural no centro de São Paulo é uma maneira de manter preservada a história da cidade, e conseqüentemente sua identidade.

A revitalização do entorno mediante eventos traduz a outra dimensão deste como elemento de revitalização do patrimônio histórico. Ao atrair pessoas para as proximidades dos prédios históricos tombados, os eventos atraem público e estimulam a sua visita e preservação.” (PINSKY, 2002, p.60)

Fazer o evento nas ruas e prédios históricos primeiro obriga a prefeitura a se preocupar com a manutenção dos locais, para que estejam aptos a receber o público e permite que este veja o centro da cidade de uma outra maneira, não está ali por necessidade, mas por diversão. Ao mudar o objetivo da visita as pessoas tendem a observar mais ao seu redor e a descobrir prédios antigos e equipamentos culturais que jamais haviam visto. Como foi dito o evento possui atrações dentro de alguns destes centros culturais existentes, permitindo que muitas pessoas entrem ali pela primeira vez.

Permitir que as pessoas conheçam espaços da história de sua cidade é fundamental para que elas se sintam responsáveis por aquele local, e como

conseqüência a isso surge na população um senso de cobrança do governo. Como nos diz Jane Beltrão, na coletânea de textos Os Caminhos do Patrimônio no Brasil:

Para fazer reconhecer território como patrimônio, não basta legislar, nossa legislação é farta, é preciso bem mais. É necessário movimentar-se socialmente, discutir, enfrentar, apontar caminhos. (FILHO, 2006, p. 49)

Dessa forma torna-se primordial a participação da comunidade na preservação do patrimônio, é ela quem dará as referências do que constrói sua identidade, e deve atuar como um conselheiro do governo sobre a política de patrimônio, decidindo objetos materiais ou imateriais a serem preservados, tornando efetiva a utilização da legislação; analisando, aprovando e fiscalizando as ações a serem tomadas. Segundo Olinio Coelho (1992) a maneira mais eficaz de proteção e conservação desses valores culturais será evidentemente a sua integração na sociedade. A comunidade deve se sentir responsável pelo elemento que está sendo preservado e não torná-lo apenas um objeto museológico.

A primeira conseqüência desta ideia é a admissão de um estado de imutabilidade relativa dos bens declarados “de patrimônio” (...) um bem só deve continuar igual a si mesmo (igual ao que foi no passado) se contribuir para a irrigação da condição de produção cultural continua em que vive o homem. (COELHO, 2004, p. 289)

No caso da Virada Cultural, o evento colabora para que a sociedade passe a se sentir parte daquele patrimônio. Como pudemos observar apesar da grande concentração de equipamentos culturais na região central da cidade, esta é uma área degradada, e que ao longo dos anos foi perdendo sua força cultural. Segundo Jaime Pinsky (2002) o evento atrai o público, estimula sua visita e preservação pois de nada adiantaria a manutenção dos espaços se nada ali fosse feito.

A proteção de bens móveis, sítios ou monumentos sem que lhes seja dada uma função na sociedade contemporânea é procedimento totalmente fora da realidade social, sem sentido algum, que não atingirá sua finalidade de conservação desses valores culturais (COELHO, 1992, p.60)

Apesar da Virada Cultural ocorrer apenas em 24 horas dentro de um ano, sua importância para a preservação destes espaços é enorme, pois como diz Teixeira Coelho, o evento é uma quebra na rotina, e desperta a atenção para um ambiente que muitas vezes passa despercebido pela população.

6. Turismo Cultural

O turismo tem sido uma das alternativas encontradas por muitos governos para a preservação do patrimônio e por isto, tem entrado cada vez mais nas pautas das políticas culturais adotadas pelas cidades.

O turismo cultural é a atividade ideal para auxiliar na preservação dos bens do patrimônio cultural (já que, ao menos em tese, ao mesmo tempo que gera receitas, dedicadas à própria conservação do bem, educa os visitantes para o respeitar) (COSTA, 2009, p. 35)

Porém em primeiro lugar devemos lembrar que a atividade turística possui, como a maior parte das atividades econômicas e sociais, a capacidade de promover impactos de ordem positiva e negativa. Se não for bem estruturada pode revelar-se danosa ao patrimônio seja pela falta de recursos humanos especializados, pela visitação descontrolada, pelo desrespeito em relação à identidade cultural local, ou até mesmo pela imposição de novos padrões culturais, especialmente em pequenas comunidades.

Porém se for bem implantado, o turismo em uma cidade pode colaborar para o desenvolvimento da mesma. Levar o turista a conhecer os pontos importantes da mesma é uma maneira de preservá-los, pois dá ao patrimônio movimentação e visibilidade. O patrimônio quando preservado pode ser usado para fins de geração de renda, pois é de grande importância para a exploração do turismo cultural.

O turismo cultural mostra-se um fator decisivo na recuperação de espaços urbanos, recuperando sua importância arquitetônica e revitalizando espaços que até mesmo serão reintegrados à vida social da comunidade local na medida em que serão utilizados pelos visitantes. (FERNANDES, 2010, p.05)

Esta é uma atividade turística na qual as pessoas aprendem sobre outras formas de vida e pensamento, é motivada pela busca de informações, de novos conhecimentos, de interação com outras pessoas, comunidades e lugares, da curiosidade cultural, dos costumes, da tradição e da identidade cultural. Incentivar o turismo cultural é uma das melhores maneira de mostrar os valores de uma cidade.

Atualmente, o turismo cultural vem sendo discutido, por mudanças nas motivações das viagens e no olhar do visitante em relação aos roteiros. De acordo com o Ministério do Turismo (2008), esse segmento se consolidou no Brasil e ocupa o terceiro lugar nas preferências dos visitantes, perdendo apenas para o Ecoturismo e o turismo de aventuras.

Voltando na história percebe-se que esta busca pelo conhecimento, no entanto, já aconteceu em outros momentos da humanidade. O turismo como atividade econômica teve seu início por volta do século VIII a.C, quando, na Grécia, eram comuns as viagens realizadas para ver e participar dos jogos olímpicos. O primeiro povo a viajar por prazer foram os romanos, eles se deslocavam para assistir teatro, lutas de gladiadores e frequentar lugares termais.

Porém a partir do século XVI as grandes navegações passaram a despertar o interesse de viajar para conhecer novos povos e lugares. Os jovens da nobreza percorriam lugares históricos acompanhados de professores particulares, como forma de completar seu aprendizado cultural.

Os grand tourists, notavam como eram pobremente conhecidos o comportamento e os costumes de nações estrangeiras e buscavam vivenciar intensa troca cultural com a população autóctone e outros viajantes. Além disso, procuravam conhecer os destaques históricos e culturais locais e, principalmente, os seus grandes monumentos, obras de arquitetura, escultura ou pintura. (COSTA, 2009, p. 15)

O turismo cultural contribui para que um novo olhar de preservação permita que novas gerações conheçam o passado das comunidades, aliado a isso propõe que políticas de interpretação do Patrimônio sejam aplicadas com eficiência nas localidades onde é possível praticar o Turismo Cultural, assegurando que a preservação aconteça por parte dos visitantes e moradores.

Na relação entre turismo e cultura quem sai lucrando é a comunidade receptora, já que algumas políticas públicas de planejamento e investimento começam a ser direcionadas para o espaço possibilitando a geração de renda e emprego, que começam a acontecer com o aparecimento destes visitantes.

6.1 Turismo em São Paulo

São Paulo detém o maior pólo de negócios do Brasil e da América Latina. Dessa forma a maior parcela de visitantes vai motivada pela realização de negócios ou participação em feiras e convenções. A cidade é líder nacional em eventos de negócios, por ano são cerca de 90 mil eventos – quase 250 por dia.

Desde 2005 a prefeitura tem como objetivo fazer de São Paulo um destino-referência em entretenimento e lazer, que vai muito além dos negócios. Para tal, foram desenvolvidos projetos com o objetivo de fazer com que o turista que vai a São Paulo, principalmente a negócios, fique mais tempo na cidade. A ideia é fazer o turista perceber que além de um importante centro econômico e financeiro, São Paulo é um dos principais pólos de irradiação de tendências, cultura e entretenimento do Brasil, isto por que a cidade detém uma vasta oferta de bares e restaurantes, além das 250 salas de cinema, 95 museus, 140 teatros, 40 centros culturais, entre outros equipamentos.

No ano de 2010 a capital paulista recebeu 11,7 milhões de visitantes consolidando São Paulo como o principal destino turístico do Brasil. Para que esses números fossem alcançados foram pensadas ações no tripé: eventos, negócios e cultura. Segundo o presidente da SPTuris, Caio Luiz de Carvalho, a virada cultural foi um dos principais fatores que despertou o interesse dos turistas pela cidade. O evento foi premiado neste mesmo ano como uma das principais ações indutoras do turismo pelo Ministério do Turismo, e está cada vez mais consagrado no Brasil e até mesmo em outros países - inclusive pautando o noticiário internacional.

6.2 A Virada Cultural incentivando o turismo

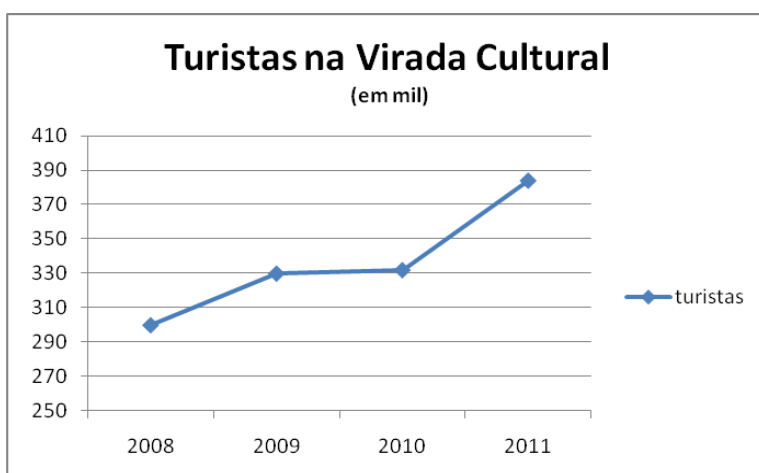
São recentes os estudos sobre a Virada Cultural, até hoje os poucos realizados foram organizados pelo Observatório do Turismo que é a principal fonte de referência de dados oficiais no município. O núcleo de estudos e pesquisas criado pela São Paulo Turismo tem como objetivo analisar periodicamente o comportamento do turismo paulistano.

De acordo com o Observatório do Turismo a Virada Cultural vem ganhando força como um dos elementos indutores do turismo na cidade e já se consolidou como um dos maiores eventos da capital paulista, como podemos ver nos dados a seguir coletados na prefeitura de São Paulo:

Virada Cultural	4 milhões (2010)
Parada GLBT	3 milhões (2010)
Réveillon na Paulista	2,4 milhões (2009-2010)
Bienal do Livro	740 mil (2010)

Fonte: Prefeitura de São Paulo

Em pesquisa realizada pelo núcleo em 2011 uma parcela considerável do público da Virada Cultural foi formada por turistas, como podemos observar no gráfico abaixo:



FONTE: Observatório do Turismo

Os estudos realizados mostram ainda que mais da metade destes turistas pretendiam ficar mais dias em São Paulo após o evento. Essa ação vem colaborando para o aumento do turismo na cidade de tal forma que em 2010 a Virada Cultural foi a ação vencedora do Prêmio Melhoras Práticas dos 65 Destinos Indutores, organizado pelo Ministério do Turismo. O evento levou o título de melhor prática em "Aspectos Culturais".

Ainda de acordo com o Observatório do Turismo, em 2011, esses 384 mil visitantes vieram a maior parte da Grande São Paulo, do interior do Estado e demais estados, principalmente Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Entre os estrangeiros, os mais encontrados foram residentes da Argentina, Estados Unidos e Chile, porém estes número a cada ano ficam mais diversificados. A média

de permanência na cidade variou de 3,6 dias para os nacionais e 5,2 dias para quem veio de fora do país.

Desde a criação da Virada Cultural, em 2005, São Paulo faz parte do rol de cidades com finalidade turística de lazer. A Virada contribuiu para a formação da imagem de São Paulo como a terra da cultura, sendo um dos elementos que colaboram para a promoção deste conceito. Estes visitantes vão para a cidade em busca de teatros, atrações musicais, museus e uma infra-estrutura hoteleira completa. Estas opções acabaram mudando o conceito da capital paulista de antigamente, conhecida apenas como um lugar para se fazer negócios.

O aumento no número de turistas colabora com a economia da cidade. Em 2011, somente com o turismo, cerca de R\$ 158 milhões foram movimentados durante a Virada Cultural, número que coloca o evento como um dos mais relevantes da capital paulista para a atividade turística. Estes números colaboram para o incremento econômico da cidade, gerando empregos e renda.

Essa despesa de visitantes faz surgir uma renda que, por sua vez, leva a uma cadeia despesa-renda-despesa, e assim por diante, até que as perdas interrompam a cadeia. Conseqüentemente, o impacto da renda inicial derivada da despesa dos turistas é geralmente maior do que ela própria, já que rodadas subseqüentes de despesa estão relacionadas a ela. (GOELDNER, 2002, p. 283)

Para uma cidade como São Paulo, com enorme potencial cultural, nada melhor do que incentivar o turismo e a cultura lado a lado para fazer a economia crescer e colaborar com a diminuição das desigualdades sociais, é uma ação cultural colaborando para o desenvolvimento da sociedade.

7. Conclusão

Pensar em uma política cultural para São Paulo deve ter com princípio básico o multiculturalismo, característica marcante da cidade. Porém o tamanho da população paulistana se torna um empecilho para a formatação desta política. O planejamento urbano, não alcança os grandes contingentes populacionais da periferia e de bairros deteriorados e se os atingir é por que um outro grupo foi deixado de lado. Planejar ações que permitam que 100% da população de uma metrópole como São Paulo sejam envolvidas é uma tarefa extremamente difícil, principalmente se pensarmos nas desigualdades sociais existentes. Muitas vezes as ações que forem tomadas para um grupo, não serão proveitosas para outros.

Devido à enorme oferta cultural existente na cidade, podemos considerar que grupos com melhores situações financeiras não tenham dificuldade em encontrar produtos culturais para apreciação. Porém devemos fazer duas ressalvas: primeiro mesmo com condições, muitas vezes esse público de elite pode não possuir o costume de consumir cultura, portanto cabe ao governo criar ações de formação de platéia e outra. Mas a política cultural, como já dito, deve privilegiar a todas as camadas da sociedade. Portanto deve criar ações que permitam que as classes mais baixas da população também conheçam e tenham acesso à cultura, colaborando com a democratização da mesma.

Com tantas variáveis torna-se extremamente complicado criar uma ação que contemple a toda a sociedade. Como pudemos observar a política cultural de São Paulo vem trabalhando em ações de fomento e financiamento mas deve se preocupar para que estas não sejam deixadas nas mãos dos empresários, que podem realizar as atividades como bem entenderem, e acabar privilegiando apenas algumas expressões culturais, deixando outras de lado. Cabe ao governo trabalhar para que a produção cultural na cidade seja múltipla, dando diversidade de oferta ao público.

No caso da Virada Cultural a iniciativa colabora para que a cultura seja protagonista por 24 horas de uma cidade frenética como São Paulo, sem ter marcas

atreladas ao acontecimento e colaborando para que a maior diversidade de expressões culturais sejam compreendidas.

Este evento surge como um elemento de quebra da rotina e colabora com diversos aspectos de uma política cultural. Sendo o primeiro deles a contribuição para o encontro entre pessoas, indo na contramão da tendência mundial de desarticulação popular. Fazer as pessoas se reencontrarem é elemento primordial para que elas percebam e discutam as necessidades de sua cidade e queiram participar da formação das políticas que serão implantadas.

No caso de tentar enquadrar a Virada Cultural como parte de uma política cultural, existem pontos que devem ser repensados, como por exemplo a inexistência de ações contínuas junto ao evento. Conforme pudemos avaliar, a cidade possui projetos de formação cultural que poderiam ser melhor aproveitados para este evento criando atrações vindas da sociedade para a sociedade.

Porém há outros aspectos que avaliados nos fazem perceber que somente com este evento poderiam ser alcançados, como por exemplo, a retomada da população pelo centro da cidade, que há anos vinha sendo abandonado, colaborando para sua revitalização. O formato do evento colabora para que todas as pessoas tenham acesso às mais diversas atrações culturais cooperando com a formação de plateia e também pela democratização da cultura.

O incentivo do turismo é outro aspecto que é valorizado com a Virada Cultural, que funciona como publicidade para São Paulo, atraindo as pessoas a irem à cidade com o objetivo de aproveitar as atrações oferecidas e acabam ficando mais dias ou até voltando outras vezes para aproveitar o potencial da metrópole. Neste caso, porém a prefeitura poderia pensar também em outras alternativas para alcançar este objetivo.

Analisando todos estes pontos, podemos perceber que a Virada Cultural se apresenta como algo efêmero dentro de uma política cultural, por não possuir laços com outras ações propostas pelo governo. Porém colabora para a democratização cultural, revitalização de espaços e com o turismo da cidade, consequentemente com a economia da cidade.

Portanto este evento colabora com a cultura da cidade, mas devem ser pensadas ações que tornem estes benefícios contínuos durante o ano. Neste caso, a criada da Revirada Cultural (como citado no início deste trabalho) está surgindo

para suprir esta necessidade e aos poucos aumentar a participação da cultura como aspecto de desenvolvimento social.

Anexos



Logo do evento

Público da Virada Cultural com o prédio do Banespa ao fundo

(irei colocar mais algumas fotos)

Bibliografia

Livros:

BRASIL. Constituição, 1988.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume, Belo horizonte: IEDS. 2009.

COELHO, Olinio Gomes Paschoal. *Do patrimônio cultural*. Rio de Janeiro. 1992

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo, Iluminuras: São Paulo, Fapesp. 2004.

COSTA, Flavia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo. Editora Senac São Paulo : Edições SESC SP. 2009.

FILHO, Manuel Ferreira Lima. *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Goiania. Alternativa. 2006

FRÚGOLI Jr., Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo. Editora Cortez. 2000.

GOELDNER, Charles. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Trad. Roberto Costa. 8ª Ed. Porto Alegre. Bookman. 2002

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP &A. 2003.

MENEZES, Jose Newton Coelho. *Historia e Turismo Cultural*. Belo Horizonte. Autentica. 2004

PINSKY, Jaime (org). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo. Contexto. 2002.

URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3ª Ed. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001

Artigos:

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. In: Fórum Internacional de Economia Criativa, 2007, São Paulo, SP. Disponível: <http://www.economiacriativa.sp.gov.br/videoDocumento/documentos/S%C3%A3o%20Paulo%20-%20equipamentos%20culturais.pdf>. Acesso em 04 junho 2011.

FERNANDES, Danielle. *O turismo e a preservação do patrimônio: uma reflexão sobre a viabilidade do turismo cultural em Parnaíba-PI*. In: Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural, 2010, Teresina, PI. Disponível em <<http://www.anpuhpi.org.br/congresso/anais/arquivos/Danielle.pdf>> Acesso em 04 de junho 2011.

RANGEL. Marília Machado. Educação Patrimonial, conceitos sobre patrimônio cultural. In: Biblioteca Vitual: Temas educacionais. Centro de Referências do professor. Minas Gerais. 2009

Dissertação

PEREIRA, Mirna Busse. Cultura e cidade: Prática e política cultural na São Paulo do século XX. Dissertação (Doutorado em História Social) PUC, São Paulo.

Entrevistas:

MAURO, José. *Sesc, Estado e França ajudam virada de SP*. O Estadão de São Paulo, São Paulo, Caderno MetrÓpole, 16 abr. 2009. Entrevista concedida Mônica Cardoso

CD-Rom:

CANEDO, Daniele. *Democratização da Cultura*. Mais Definições em transito CD-ROM, Bahia, v.1, n.1. 2001.

Sites:

HELENA, Maria. Democratização cultural: Um desafio a ser enfrentado. Disponível em <<http://www.blogacesso.com.br/>>. Acesso em 10 maio. 2011.